

# O SAQUE D'UM CONVENTO

*Meus caros amigos:*

Quando entrei no convento de Santa Clara de Villa do Conde, como delegado do Museu do Porto, para escolher os objectos que interessassem ao alludido estabelecimento educativo, já o mobiliario artistico do mosteiro estava consideravelmente reduzido.

Em 1892 e ulteriormente, poucos dias antes de mim, os delegados do Museu Nacional de Bellas Artes haviam recolhido o que se lhes affigurara digno de ser arquivado nas Janellas Verdes. Para o Porto restaria mesmo muito pouco se a condescendencia das estancias superiores não fosse, como d'esta vez, generosa e amovel.

A semelhante indigencia, revelada ao desaparecer a ultima religiosa, contrapõe-se a affirmação popular e já lendaria do desvio perenne das riquezas do mosteiro. Na villa a historia é pittoresca de inaudito e de crueza: citam-se casas e citam-se nomes; houve freiras e serventes cúmplices; recorda-se, com pasmo cúpido, a irradiação de famosas baixellas orientaes; exalta-se a ventura de certos *brocanteurs*; allude-se a gente illustre que induziu e saqueou; desbocadamente se accusam uns e outros, e de tal sorte, que o forasteiro tem de aquietar-se, em face de tanta contumacia, para não generalisar a denuncia á villa inteira.

A verdade é que, exausto o convento da opulencia que se presumia, a escolha pelo Museu do Porto incidiu principalmente em algumas talhas, faianças e tecidos de indefectivel valor archeologico ou artistico. A' separação dos ultimos assistiam, por então visitarem o convento, o grande poeta Guerra Junqueiro, o estimavel paisagista Artur Loureiro, a admiravel fisionomia de novo apostolo que é o padre Antonio de Oliveira, outros mais. Mas logo ao começo accadiram o prior e o administrador da villa, invocando regalias locaes e sollicitando que não saíssem varios paramentos, o rico pallio, outras alfaias. Exhibiram-se com vivacidade motivos solidos: o esplendor do culto, a pobreza, na matriz, da sua indumentaria e tereutica, a posse tradicional e os levantes do povo. Attendidas as supplicas, sempre que não representasse valor de Museu o objecto indicado para ficar, tudo rematou a contento unanime n'um placido repasto, desanuviados os espiritos da tormenta popular—aquella tormenta que depois se desencadeava irada a proposito dos saques dos museus! Por

alguns dias o delegado do Museu do Porto deixava as mais gratas impressões de condescendencia e galharda excepção!

Surge, porém, depois de varios episodios singulares, a remoção d'um sarcophago. Volveu-se o generoso e nobre espirito no diabolico violador da paz dos sepulcros! E n'este estilo sublime o paiz soube do papel nefando que se attribuiam os museus!

Ora esta historia do moimento, meus amigos, é bem simples. No corpo da egreja existem, além dos tumulos de duas personagens que não importam, quatro outros na capella dos fundadores e que alojam estes e uma parte da sua presumida descendencia. E' bem de vêr que os museus não os sollicitaram. Estão legitimamente nos seus logares por motivos d'uma bem viva transparencia. Mas no côro de baixo, onde mal irradia uma luz difusa e n'um angulo do fundo em que a obscuridade mais o affoga, occulto ainda pelos cadeiraes que o enfrentam, depara-se-nos esquecido e quasi ignorado o sepulcro de marmore que levantou o arruido e a contenda.

E' uma interessante peça de architectura funeraria, já hibrida pela illogica tampa que a cobre, grosseiramente abaúlada e macissa por sobre uma caixa deliciosamente armoriada e florida. Anepigrafo, presumindo-se a origem dos restos que encerra pela heraldica que o emmoldura, o sarcophago fôra para ali arrumado em tempos que esqueceram.

Sollicitara-se, pois, do Estado, como deposito, a transferencia da linda peça de arte funeraria, inscientemente desviada do exame e da contemplação de todos, para o Museu do Porto. E deferida a requisição, cuidou-se em trazer para a luz, para o recato e para a veneração d'um museu o repoiso olvidado da presumida figura historica d'outr'ora.

O espanto, porém, avulta ao iniciarse a remoção: é que o sarcophago, pelas suas quatro faces, se revelava finalmente trabalhado. Fôra um sepulcro de centro, de estar ao meio de qualquer capella ou gallilé que permitisse vêr, em toda a volta, a gracilidade e a nobreza das suas linhas de entalha. E entretanto, gente que não representava museus, arrumára-o no fundo d'um côro, encostando-o e occultando-lhe duas das faces, profanára-o visto que lhe substituiria desastradamente a cobertura, violára os despojos pois que o craneo e o maxillar inferior occupavam as extremidades do encerro e o ossuario restante jazia revolto, sequestrara-o da contemplação e do respeito ao deante tão vivamente proclamados, transferindo-o para um recesso obscuro e, a bem dizer, intransponivel.

Ora já o moimento estava na crasta para sair e eis que surgem alguns vituperando a protervia—ainda n'aquelle estilo, a um tempo varonil e tocante, em que se enlearam por la tantos amadores de archeologia e bellas-lettras!

Entre outras figuras o Barros boticario, esse poço de immenso saber, expluía em odio e em colera, como fôra o Velloso Maçaroca, poço de maior fundura, o egualava na ira. Intimava-se o delegado da comarca a que não deixasse sair nada.

—Escaca-se aqui tudo!

Tudo, era uma estante coral, obras de talha, as latanças, já encaixotadas para o transporte immediato.

O delegado, estructuralmente indigente e hesitante, fôra ainda sacudido pelas apostrofes calorosas e ardidas d'um outro. Era um rapazola do Porto, sub-delegadito, cujo nome, por banal e inedito, completamente esqueci. Os despojos e o jazigo da nobilissima fidalga tiveram mais um affrontoso defensor, com o luzio marau em um posto de accesso. n'esta baixa estampa de juamento!

Fóra do mosteiro, ao povo naturalmente indifferente, fizera o ex-furriel Couceiro, com a hombridade patriótica que o exorna—e que é o galardão de Villa do Conde!—a veridica narrativa do caso: breve corria, pois, que levavamos uma santa de carne, e logo adeante que ainda estava inteirinha!

Até que o delegado resolve impedir a saída de qualquer peça, aliás já destinada a seguir para a «gare» e assignado, no dia anterior e na sua casual presença, o auto de entrega! Ficavam satisfeitos os clamores que reclamavam, n'um brado anciado e augusto, a reliquia desconhecida e veneranda!

Sendo o assunto da noite, não houve todavia a exaltação rubra e minaz que os cronistas transmittiam no seu intrepido zelo historico. Homens de affectação e estirpe discutiam com maneiras e com asneiras, falando na fidalga como d'uma effusiva e cordial relação, ininterrupta n'estes ultimos 500 annos. Que era necessario verberar acicamente o desrespeito dos discolos, accentuava, muito escutada, outra personagem de quem se venerava immenso a categoria judicial e politica. Por fim um antiquario local, o doutor Maçaroca, vetusto como a antiguidade e inedito como o incognoscivel, esclarecia com deslumbramento os espiritos!

Apenas, entre outras injurias, a mais doce para os funcionarios do Museu era a de «afortunados ladrões». O empregado, que vigiava a emballagem, não lograva passar por uma rua onde não ouvisse d'estes sentidos desforços:

—Tratante! Esta ri o para a vida inteira!

Parecia que tinhamos sido nós quem arrrombara a porta da cella onde recolhemos os objectos destinados ao Museu, n'aquelle tumultuario dia do leilão em que, apezar da policia local e do Porto, o mosteiro fóra invadido desvairadamente por tanto zeloso esteio das tradições e dos monumentos historicos. Houve que interromper violentamente a arrematação da Fazenda. E depois que a mim e a José Caldas, o insigne publicista tambem ali presente, nos vexou até a dôr este episodio bem symbolico, apartamo-nos desoladamente sob a impressão magoada de esta irreparavel ruina ethnica!

Na portaria, junto a um policia triste que vigiava a saída, accumulavam-se os objectos da rapina que o homem da lei apprehendera e detivera. Banhistas, cavalheiros em ocio, ecclesiasticos amadores, damas de nome illustre, muita d'esta gente queria levar uma lembrancasinha!...

—Mas prenda-os, homem!

—Tudo figurões, meu senhor, tudo trunfos! Soltam-os logo e a gente fica embaçada!

E o policia triste, na sua missão triste, ruminava certamente no desvario d'aquella grada gente que, para os cronistas facundos, defendia depois, sob a egide da Honra, o impugnavel tabernaculo da Historia!

Os primeiros rumores para os jornaes esclareceram logo que o convento estava a saque pelos senhores dos museus e das bellas-artes. Ainda parecia que tinham sido os commissionedos dos Museus de Lisboa e Porto quem provocára, com o encerramento abrupto do leilão, a filosofia melancolica do policia do locutorio! Depois, vibrantes e clamorosos, passavam ao registro dos seus actos de vandalismo. «Chegou a desfaçatez a ponto de violarem as ossadas da filha de D. Nuno. O povo prefere quebrar as lages do sarcophago (não tinha lages!) contra as faces dos selvagens, a consentir n'esse enxovalho repugnantissimo.»

Para um jornal republicano a historia ja era outra: «Ha alvoroço. Pretendem roubar os ossos da filha do Condestavel.» E estimulando ainda a soberania popular: «O povo indignado

deseja sair para as ruas.» Ao lerem isto, as gentes do Museu, primeiro risothas, depois emocionadas, tiveram a efemera illusão de que enfim um povo de escravos se decidira a defender civicamente Principios ou a glorificar rutilamente Figuras!

O soberano não veio para a rua!

Estridente, porém, mais que todos foi um jornal nacionalista do Porto. Perguntava primeiro se estávamos na Cafraria ou na religiosissima Villa do Conde.

Estávamos, visivelmente, em Villa do Conde!

Depois, com uma isenção e lealdade diafanos e cristãs, relatava os factos: «O tumulto foi arrombado e arrastado para ir para o Museu; os ossos profanados e dispersos... A imagem do Senhor Morto vai ser profanada e depois levada para o Museu. Foram arrancados quadros, imagens e reliquias sagradas... Na capella do cabido foram profanadas as imagens arrancando-se-lhes os adornos... Fala-se em tocar os sinos a rebate.»

Não tocaram. Mas vejam, meus amigos, como o Ceu ha-de pagar a este corneta: de tudo isso o Museu do Porto apenas requisitou e baixou dois quadros; um docel e um pavilhão de talha; uma só imagem da Virgem, mediocre esculptura do seculo XVII, que por signal estava n'um nicho acima do qual tres ediculas vãs lembravam tres roubos successivos de imagens, praticados—dizia-se—por cristianissimas pessoas! N'esse verbo candente sente-se, de resto, a *griffe* do incorruptivel chefe do nacionalismo local, que ja n'um celebrado requerimento á Misericordia, em 1890, conquistara a espórea aurea do estilo, cinzelada e coruscante! E' ainda Maçaroca, o arqueologo indomavel!

Todavia se a eloquencia ferace d'este inclito luminar se alcandóra aos acumes onde só a aguia paira—como dirão, com esta pompa, os seus panegiristas—o periodismo local remontouse mais. Alem do estilo terso a sua gala é ignea! Estes homens que nós eramos, estultos e ignaros, tinham só uma missão: era pilhar.

Sempre, em Villa do Conde, a vesania do roubo!

Mas a cubica dos fariseus, como escreviam offendidos, não se limitou a expoliar só; foi mais longe: profanou. «Sobre um crime, uma infamia; sobre o escarneo uma affronta!» E com esta pujança uberrima glorifica o delegado—que é do partido—e que precipita o seu auto de posse, levado por um sentimento generoso e artistico, para assim se oppôr a vil selvageria! Era a nossa, a dos museus!

A estetica do magistrado faz-me irreverentemente sorrir; mas o outro informe devo rectificá-lo em abono do jurista e da verdade: o correligionario do periodico addiara amavelmente a sua posse até ao dia seguinte e á hora em que podessemos haver o tumulto fora do mosteiro. Que julgariam as pessoas que assistiram ao compromisso, depois irrespeitado, d'esta personagem, ora obsequiosa, instruindo-nos a tender com cunhas de ferro a tampa em bocados, o que não quizemos praticar, ora jovial e esturdia, dizendo-se, empunhando a caveira, capaz de por ella beber!

Afóra este lapso historico a redundancia esplende vivaz! Os nossos serviços «davam idea d'uma soldadesca brutal que entrasse ali de roldão, agrihoada pela ebriedade da victoria, a vingar furiosamente, nas preciosidades do edificio a sua sanha mal represa, a atirar á dispersão os ossos sagrados dos tumulos por não encontrar gente viva para o bôdo sanguinario!»

Isto é bom de mais! Succumbiamos!

Felizmente que, com um remate que é um petardo, o remate dos decisivos momentos historicos o estilo toca na

méta: «Expulsae os bandidos e iconoclastas! Villacondenses, alerta!»

E aqui têm, meus amigos, como se fez a historia e o commentario d'essa simples protecção tutelar que pretendia assumir o Museu. Por entre os motivos politicos, que breve surgiram em jogo, houve desabaços pungentes. Aquelle feroz escrevedor desempregado ainda lastimava que na Casa de correcção em que se transmudava o convento «os logares a preencher nem talvez fossem para os villacondenses». Levasse o diabo os tumulos mas viesse sequer o emprego! O desventurado, porém, estava na opposição; pelo que muita piedade devemos aos lamentos da fome, mesmo exteriorizados com o desespero hiante d'esse desgraçado!

O tumulo ficou. E comquanto se affirmasse que as gentes do Museu pediram á autoridade superior do districto uma duzia de baionetas «para consummarem impunemente o attentado» essas gentes fizeram precisamente o contrario: no dia seguinte ao da rajada tremenda notificavam aos altos funcionarios interessados no assunto que se a villa reconsiderava e zelava, ao Museu cumpria-lhe renunciar e desistir.

Ora o desenfado d'esta carta, agora que se ultimaram os passos burocraticos, legitima-se apenas como um pittoresco depoimento a juntar aos episodios singulares que rende, muitas vezes, a galé da occupação scientifica em Portugal. Não expliquei, a seu tempo, motivos, nem exhibi factos por me dispensar de corrigir esterilmente, nos promotores do estrepito, a sua insensatez irreductivel. Fei-me gráo apenas anotar, para gente, este lance instructivo e symbolico.

Porto.

De v. v., etc.,

ROCHA PEIXOTO.